

MARQUES GOMES

AVEIRENSES QUE MORRERAM,
SOFFRERAM E COMBATERAM
PELA LIBERDADE

bibRIA



26—XII—909

1.º CENTENARIO DO NASCIMENTO
DE

JOSÉ ESTEVÃO

MARQUES GOMES




UNIVERSIDADE DE AVEIRO
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

Aveirenses que morreram,
sofreram e combateram pela Liberdade

bib**RIA**

Monumento levantado á sua memoria

PELO

CLUB DOS GALLITOS



AVEIRO

Off. Typ. do «Campeão das Provincias»

1909

bibRIA

*Solicitado pela prestimosa Dire-
ção do Club dos Gallitos organizei
estas breves referencias, que lhe de-
dico.*

26—XII—909

bibRIA

Marques Gomes

MARQUES GOMES

Memorias de Aveiro (1875)	1 vol.
D. Duarte de Menezes (1875)	1 ops.
O Districto de Aveiro (1877)	1 vol.
A Mulher atravez dos seculos (1878)	1 vol.
D. Joánna de Portugal (1879)	1 ops.
Manoel José Mendes Leite (1881)	1 ops.
Catalogo da exposição districtal de Aveiro (1883)	1 vol.
*A Vista Alegre (1883)	1 ops.
Exposição districtal de Aveiro (1883)	1 vol.
A Mulher na antiguidade (1888)	1 ops.
*A Maria da Fonte (1889)	1 ops.
Archivo photographico (1884)	8 n.ºs
José Estevão (1889)	1 vol.
Luctas caseiras (1894)	1 vol.
Catalogo da exposição d'arte religiosa no Collegio de Santa Joanna Princeza (1895)	1 ops.
O «Conimbricense» e a historia contemporanea (1897)	1 ops.
O Prior do Crato em Aveiro (1894)	1 vol.
Subsidios para a historia de Aveiro (1899)	1 vol.
Memoria historico-genealogica da casa da Oliveirinha (1897)	1 ops.
D. Manoel Corrêa de Bastos Pina (1.ª edição 1897)	1 vol.
" " " " " " (2.ª " 1898)	1 vol.
Cincoenta annos de vida publica. O Conselheiro Manoel Firmino d'Almeida Maia (1899)	1 vol.
Aveiro berço da Liberdade (1899)	1 vol.
Santuario de Lourdes de Carregosa (1902)	1 ops.
A Casa da Magdalena (1903)	1 ops.
O Conselheiro Antonio José da Rocha (1904)	1 ops.
Brado a favor d'um monumento (1905)	1 ops.
Annæes do Santuario de Nossa Senhora de Lourdes de Carregosa (1906)	1 ops.
*Homenagem ao Conselheiro Castro Mattoso (1906)	1 ops.
*Conselheiro Antonio Ferreira d'Araujo e Silva	1 vol.
Historia de Portugal—1853-1890—(1907)	1 vol.
Centenário da guerra peninsular (1908)	1 ops.
O Espinho da corôa de Christo da Casa da Oliveirinha (1909)	1 ops.
Memorias biographicas de José Estevão (Summario dos capitulos) 1909	1 ops.
Na Livração—Casa de Quintã (1909)	1 ops.

Enforcados e as suas cabeças espetadas em altos postes

Clemente de Moraes Sarmento — Sargento de caçadores n.º 10 — Tomou parte importante nos trabalhos preparatórios para a revolução liberal de 16 de maio de 1828; e por isso foi enforcado no Porto, na Praça Nova, em 9 de outubro de 1829, sendo-lhe decepada a cabeça, que n'esse mesmo dia veio para Aveiro trazida pelo algoz, que, em conformidade com a sentença da Alçada, a espetou n'um pinheiro junto ao pelourinho, isto é no Rocio, quasi em frente da rua da Rainha. — Representantes: seus sobrinhos em 1.º grau as sr.^{as} D. Maria Carolina de Moraes Ferreira, D. Maria Maxima de Moraes Machado, D. Joanna do Céu Moraes e Silva, D. Augusta de Moraes Sarmento e os srs. conselheiros José Estevam de Moraes Sarmento, Antonio Augusto de Moraes e Silva e Jayme Clemente de Moraes.

Clemente da Silva Mello Soares de Freitas — Juiz de fóra na Villa da Feira — Aguardava em Aveiro a vacancia do logar para que havia sido transferido pela Infante Regente, de Vianna do Alentejo, quando se realisou a revolução. Chama-

do ao desempenho d'aquelle pela Junta do Porto, auxiliou na area da sua comarca tanto quanto poudo o movimento liberal. Condemnado a ser levado com baraço e pregão pelas ruas do Porto até á Praça Nova e ahi padecer morte natural na forca, e em seguida ser-lhe cortada a cabeça. Executou-se a sentença em 7 de maio de 1829, sendo aquella conduzida para a Villa da Feira, onde foi pregada n'um alto poste pelo carrasco.—Representantes seus sobrinhos em 1.^o grau as sr.^{as} D. Maria Julia de Mello Freitas, D. Paula Faria de Mello Magalhães, D. Luiza Georgina de Mello Freitas; e os srs. Barão de Cadore, dr. Antonio Carlos da Silva Mello Guimarães, dr. Joaquim de Mello Freitas, Carlos da Silva Mello Guimarães, Jorge de Faria e Mello, David da Silva Mello Guimarães e Antonio da Silva Mello Guimarães.

Francisco Manuel Gravito da Veiga e Lima—Cavalleiro professo na Ordem de Christo, desembargador dos aggravos na casa da supplicação e corregedor do civil da côrte, e deputado.—Passara os primeiros tempos da sua mocidade em Aveiro, onde seu pae exercera durante annos o logar de superintendente das obras da barra, e aqui viviam sua mãe e irmãos, em casa propria, que desde muito pertence e n'ella vive ao sr. Francisco Manuel Couceiro da Costa.

Gravito tinha uma alta cotação no partido liberal, e, tanto que D. Pedro IV o nomeou conselheiro de Estado, em janeiro de 1827. Foi um dos dirigentes da revolução, o conselheiro intimo dos seus protogonistas, conservando-se ainda assim n'uma certa reserva, o que não evitou que fosse, como os antecedentes, por sentença da Alçada, condemnado á morte, que soffreu tambem no dia 7 de maio. Tres dias antes, ao entrar para o oratorio,

escreveu a sua filha unica, D. Maria Emilia Teixeira Gravito, esta carta :

«A vicissitude da sorte, querida filha, tão variavel, como a chamada fortuna, collocou ao teu carinhoso pae na lista dos criminosos, e hoje é victima do odio, da vingança e da arbitrariedade.

Proximo já dos ultimos momentos, de ti me recordo com vivissima saudade; eu te consagro os meus suspiros, como o vinculo mais doce, que prende a minha existencia, a tua memoria me é cara e no meu inopinado infortunio tua imagem querida existe a par de mim; tu perdes um pae, o melhor de teus amigos; elle é roubado ao teu coração inocente para ser votado ao cadafalso; mas nem por isso é hoje indigno de ti; sem protecção e sem abrigo, a tua perda é irreparavel, e eu espero, minha filha, que nunca a vejas indemnizada; ninguém substituirá teu pae.

Muito desejo-te conserves sem alguma outra relação social, para não empenhares teu coração na sorte de um outro homem, em que se puna, como em mim, a virtude, e ponha a tua em lances amargurados; se, porem, outro fôr o teu destino, te rogo que prefiras um homem dos sentimentos e dos principios de teu pae, na certeza de que nem estes, nem o patibulo, em que vou terminar os meus dias, podem servir-te de opprobrio.

Adeus, minha querida filha, adeus para sempre

Gravito

Francisco Silverio de Carvalho Serrão—Fiscal real do contracto do tabaco—Foi o verdadeiro braço direito do principal organisador da revolução. A elle, primeiro que ninguem, communicou o desembargador Joaquim José de Queiroz o proposito em que estava de levantar o grito de liberdade, visto tudo se encaminhar para o restabelecimento do absolutismo, apoz a chegada de D. Miguel. Realizada a revolução assumiu Francisco Silverio, por ordem da Justiça, o commando do ba-

•talhão de D. Pedro IV, que aqui se organisou. Preso na ria, dentro d'um barco, em que com vinte e cinco armas carregadas se dirigia para o Porto, foi condemnado e justicado da mesma forma e no mesmo dia que Gravito. A sua cabeça foi collocada em alto poste junto ao Pelourinho. A de Gravito, essa, ficou em frente dos Paços do concelho. Deram-lhe logar mais honroso.

Manuel Luiz Nogueira—Juiz de fóra de Aveiro—Advogado de numero junto da Relação, recebeu a nomeação d'aquelle cargo da Junta do Porto em 30 de maio e no desempenho d'elle, diz a sentença da Alçada que o levou á forca, foi «apaixonado e acerrimo mantenedor da rebelião, perseguindo e vexando por meio de summarios e prisões os vassallos de sua magestade (D. Miguel) que sustentavam seus direitos e real auctoridade.»

Collocaram-lhe a cabeça em frente do convento do Carmo, porque estando alli o cofre das obras da barra o fizera arrombar conjuntamente com Manuel Maria da Rocha Colmieiro, entregando aos revoltosos todo o dinheiro que n'elle existia ou sejam 3:827\$463 reis.

João Henriques Ferreira Junior—Estudante do «Collegio das artes».—Irmão de José Henriques Ferreira, de quem adeante falarei, que vinha já sendo perseguido por liberal desde 1824, e que era, por assim dizer, uma creança ainda, mas não só se alistou no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV, organizado, como fica dito, em Aveiro, mas «entrando no fogo que no sitio das Talhadas se fez aos fieis realistas» como se lê na sentença da Alçada de 18 de setembro de 1829 que o condemnou á morte. Enforcado em 9 de outubro, foi a sua cabeça espetada n'um pinheiro e exposta por tres dias em frente da casa de seus paes, em Albergaria-a-Velha.

Mortos em combate

João de Souza Pisarro—Capitão do batalhão de caçadores n.º 10, morto por uma bala na acção da Cruz dos Marouços—Era irmão da Baroneza d'Almeidinha.

Evaristo Luiz de Moraes—Escrivão de direito e depois 1.º sargento do batalhão de voluntarios da rainha—Morto por uma bala na acção da Villa da Praia, na ilha Terceira, quando, com o maior arrojo, acenava com uma bandeira azul e branca, de cima do parapeito da muralha, aos soldados de D. Miguel que acabavam de desembarcar da esquadra do commando do vice-almirante Souza Prego, para que abraçassem a causa da liberdade.—Tem a mesma representação de Clemente de Moraes Sarmiento.

Emigrados em França e Inglaterra

Joaquim José de Queiroz—Desembargador, deputado, e avô de Eça de Queiroz.—A elle e só a elle se deve a iniciativa da revolução, por isso dizia a Alçada no seu accordão de 25 de novembro de 1829:—«Do infame, perverso e façanhoso réu Joaquim José de Queiroz mostra-se o haver sido, não só o mais atrevido e ousado conspirador, cabeça e principal auctor dos trabalhos e machinações que urdiram e prepararam o horroroso attentado de 16 de maio de 1828 nas duas cidades de Aveiro e Porto, mas também incansavel e poderoso agente do seu desenvolvimento e acerrimo man-

tenedor da sua destruidora persistencia e deplorable duração». O sanguinario tribunal premiou tão assignalados serviços condemnando-o «a que com baraço e pregão fosse conduzido pelas ruas publicas da cidade do Porto, e que n'um alto cadafalso, que alli seria levantado, de sorte que o seu castigo fosse visto de todo o povo, a quem tanto tinha escandalisado o seu horroroso delicto, morresse de morte natural de garrote e depois de lhe ser decapada a cabeça, fosse o mesmo cadafalso com seu corpo reduzido pelo fogo a cinzas, que seriam lançadas ao mar, para que d'elle e da sua memoria não houvesse mais noticias.»

O carrasco não teve este trabalho. O desembargador Queiroz, ás 7 horas da manhã do dia 16 de maio de 1828 no mesmo local onde agora se inaugurou o monumento levantado pelo *Club dos Gallitos*, ergueu o primeiro grito de liberdade que então se ouviu em Portugal. Em seguida redigiu o auto, que, na sala nobre dos Paços do concelho foi lavrado por Evaristo Luiz de Moraes, no impedimento do respectivo escrivão da camara, de «rectificação do juramento prestado a el-rei o senhor D. Pedro IV e á senhora rainha D. Maria II e á Carta Constitucional e de obediencia á regencia provisoria».

Afim de continuar a obra da revolução que iniciara e de que foi até o fim um dos mais valiosos e activos auxiliares. o desembargador Queiroz seguiu n'essa mesma manhã para o Porto, onde 7 horas depois de Aveiro, fôra repetido o grito de liberdade solto por elle aqui. Dias depois foi com toda a justiça escolhido para vogal da Junta, sendo, de todos os seus collegas, o unico que acompanhou atravez de mil perigos até á Galiza, o exercito constitucional, vencido.

Voltou á patria em 1832 na expedição dos sete mil e quinhentos, de arma ao hombro, como simples soldado do batalhão academico e como tal se bateu na defeza do Porto.

Queiroz morreu na sua casa do visinho logar de Verdemilho a 18 de abril de 1850, depois de haver passado pelo Supremo Tribunal de Justiça, onde foi juiz, e, pelos conselhos da corôa em que desempenhou as funcções de ministro e secretario de Estado dos negocios ecclesiasticos e da justiça.

Manuel Maria da Rocha Colmheiro—Tenente coronel de milicias da Villa da Feira—Representantes: sua neta a sr.^a D. Antonia da Rocha Colmheiro de Moura Coutinho d'Almeida Eça.

Custodio José Duarte e Silva—Official de milicias e do batalhão de atiradores portuguezes—Foi pae de Agostinho Pinheiro amigo de José Estevam e seu collega na redacção do *Districto d' Aveiro*—Representantes: seus netos, os srs. Abel, Albano e Arthur Pinheiro e Silva.

João de Mello Freitas—Escrivão de direito e voluntario da rainha D. Maria II—Pronunciado pela Alçada e citado por editos—Representantes: seus filhos as sr.^{as} D. Julia de Mello Freitas, D. Luiza Georgina de Mello Freitas e o sr. dr. Joaquim de Mello Freitas.

Francisco Antonio de Rezende—Estudante de medicina e voluntario academico—Foi tio-avô do malogrado tenente Francisco de Rezende, morto no desastre do Cunene em 25 de setembro de 1904—Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

Manuel Ribeiro Dias Guimarães—Pronunciado pela Alçada e citado por editos—Representantes: sua filha a sr.^a D. Maria Adelaide Ribeiro Couceiro.

José Estevam Coelho de Magalhães—Voluntario academico e depois 2.^o tenente de artilharia,

condecorado duas vezes com a Torre e Espada—Representantes seu filho sr. conselheiro Luiz Cypriano Coelho de Magalhães.

Manoel José Mendes Leite—Voluntario academico, companheiro inseparavel, e o maior amigo de José Estevam. A elle se deve o ser abolida a pena de morte nos crimes politicos—Representantes: suas netas as sr.^{as} D. Maria Luiza Mendes Leite Machado e D. Laura Mendes Leite.

Francisco José de Oliveira Queiroz—Estudante de medicina e voluntario academico—Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

José d'Oliveira Queiroz—Alferes de caçadores—Representantes: sua filha a sr.^a D. Joanna de Oliveira Queiroz d'Almeida d'Eça.

Luiz Maria dos Santos—Trolha, cabo e sargento do batalhão de voluntarios da Rainha D. Maria II e no fim da campanha da liberdade, alferes de linha—Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

Antonio Joaquim de Moraes Sarmento (o *Rato Secco*, como o cognominava D. Pedro IV)—Escrivão publico em Ilhavo, voluntario da Rainha D. Maria II—Pronunciado pela Alçada e citado por editos—Representantes: os mesmos de Clemente e de Evaristo de Moraes, seus sobrinhos.

João Antonio de Moraes—Escrivão de direito, voluntario da Rainha D. Maria II—Pronunciado pela Alçada e citado pelos editos—Representantes: suas filhas as sr.^{as} D. Maria Carolina de Moraes Ferreira e D. Augusta de Moraes Sarmento.

Jeronymo de Moraes Sarmento—Ajudante de cartorio, voluntario da rainha D. Maria II, alferes de caçadores e condecora 'o com a Torre e Espada—Pronunciado pela Alçada e citado por editos—Amigo e compadre de José Estevam, e por

muitos annos administrador da *Revolução de Setembro*. A historia dos seus feitos fil-a ha annos no livro *Aveiro berço da liberdade—O coronel Jeronymo de Moraes Sarmento—*Porto, 1899—8.º, 312 pag.—Representantes: seu filho o sr. general José Estevam de Moraes Sarmento.

Bazilio de Oliveira Camossa—Negociante e vice-consul da Hollanda—Pronunciado pela Alçada e citado por editos—Representantes: seu sobrinho, sr. visconde de Albergaria de Souto Redondo.

Domingos dos Santos Barbosa Maia—Negociante—Pronunciado pela Alçada e citado por editos. Mais tarde, como presidente da camara municipal, prestou a Aveiro assignalados serviços.

João da Silva Santos—Pronunciado pela Alçada e citado por editos—Representantes: seus netos a sr.ª Emilia da Silva Santos Lemos e o sr. João da Silva Santos.

Dr. José Henriques Ferreira—Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

Fr. Rodrigo José Pereira—Dominico do convento de Nossa Senhora da Misericordia d'esta cidade.

Fr. Joaquim (Amarello)—Dominico do convento de Nossa Senhora da Misericordia d'esta cidade.

Na revolução de 16 de maio foi valiosissimo auxiliar o batalhão de caçadores n.º 10 que em Aveiro tinha o seu quartel, desde 1816 Dos seus officiaes, ao contrario dos soldados que quasi todos fugiram, nem um só voltou para traz quando o exercito constitucional se dirigiu para a Galliza. Tudo emigrou. Esses officiaes eram:

Pedro Antonio Rebocho, major. Já referido.

João Antonio Rebocho, capitão.

João de Souza Pizarro, capitão. Já referido.
Paulo Maria Judice Biquier, capitão.
José de Vasconcellos Bandeira Lemos, capitão.
Filippe Corrêa de Mesquita, capitão.
José Antonio d'Azevedo, cirurgião-mór.
José Leite Pereira Balsemão, ajudante.
Padre Lourenço Antonio d'Almeida, capellão.
João Nunes Cardoso, tenente.
Manuel José de Mendonça, tenente.
José Maria da Fonseca Moniz, tenente.
Joaquim Rodrigues da Costa Simões, tenente.
José Antonio da Costa Graça, tenente.
João Evangelista Coutinho, tenente.
Luiz Antonio de Miranda, tenente.
João Francisco Pinto, tenente.
Manuel de Sousa e Silva, alferes.
José da Silva, alferes.
Luiz Maria de Magalhães, alferes.
Bernardo José de Carvalho, alferes.
Manuel Julio de Carvalho, alferes.
Joaquim Rodrigues da Costa Simões, alferes.

Alguns d'estes officiaes eram naturaes d'esta cidade, outros tinham aqui constituido familia e t. dos eram aveirenses pelo coração.

Degredados

José da Cunha Guimarães—Preso na cadeia de Aveiro e depois degredado para a Louzã.

Domingos Jose de Oliveira — Preso na cadeia de Aveiro, e degredado para Peniche, de onde foi transferido para Mira.

Manoel José de Almeida—Ajudante de escri-

vão dos orphãos. Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV—Preso na cadeia de Aveiro e condemnado a 5 annos de degredo para Cabo Verde.

Dr. José Marques de Mello—Advogado—Preso nas cadeias de Aveiro e da Relação, condemnado a assistir á execução de Clemente de Moraes Sarmiento e João Henriques Ferreira e em seguida a ir degredado por toda a vida para Angola.

Francisco Caetano da Costa—Alfaiate—Degredado por 5 annos para Cabo Verde.

Dr José das Neves Mascarenhas e Mello—Provedor da comarca—Degredado para Angola por 10 annos.

Presos

D. Maria Maxima Miquelina de Moraes Sarmiento—Representantes: seus netos, os mesmos já indicados como sobrinhos de Clemente de Moraes.

Pedro José da Naia—Preso na cadeia de Aveiro—Representantes: sua sobrinha a sr.^a Angelina Marques e irmãos.

Manoel Antonio Loureiro de Mesquita—Caixeiro—Preso nas cadeias de Aveiro, Coimbra, Almeida e Lamego—Deixou apontamentos muito interessantes sobre esta phase da sua vida, que publicou ha annos no *Campeão das Provincias*, e assistiu aos ultimos momentos de José Estevam, de quem era dedicado amigo.—Representantes: seus filhos as sr.^{as} D. Elosinda, D. Olympia e D. Auzenda de Magalhães Mesquita e o sr. Egberto de Magalhães Mesquita.

Antonio José Pereira da Silva Bastos—Caixeiro—Preso nas cadeias de Aveiro, Relação e Lamego.

Joaquim da Cruz Maia—Pintor—Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV—Preso nas cadeias de Aveiro e da Relação.

José dos Santos Silva—Correeiro—Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV—Preso nas cadeias de Aveiro e Almeida.

Manoel de Pinho—Carpinteiro—Preso na cadeia de Aveiro.

João Barbosa de Pinho—Mestre samblador—Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV—Pronunciado pela Alçada e citado por editos, e depois preso nas cadeias de Aveiro e Almeida, fallecendo n'esta ultima—Representantes, seus netos: as sr.^{as} D. Elisa Adelia e D. Libania Barbosa de Magalhães e os srs. Francisco Victorino Barbosa de Magalhães, dr. José Maria Barbosa de Magalhães e Silverio A. Barbosa de Magalhães.

Dr. João Nepomuceno da Silva—Advogado—Preso nas cadeias de Aveiro e Lamego.

Manuel Coelho de Moura—Capitão caserneiro—Preso nas cadeias de Aveiro, e da Relação onde morreu.

João José d'Araújo—Serigueiro—Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV—Preso nas cadeias de Aveiro e da Relação.

Francisco Caetano da Costa—Almoxarife das monições de guerra—Alistou-se no batalhão de D. Pedro IV—Preso nas cadeias de Aveiro e da Relação.

Jose Marques de Mello—Carcereiro—Preso nas cadeias de Aveiro e da Relação.

Padre Manuel da Cruz Maia—Pharmaceutico—Preso nas cadeias de Aveiro e Aljube do Porto.

Padre José Bernardo Mascarenhas—Preso nas cadeias de Aveiro e Aljube, do Porto.

Padre Antonio José de Sá—Preso na cadeia de Aveiro.

Manuel Coelho de Magalhães e Abreu—Escrivão em Eixo e proprietario—Preso nas cadeias de Aveiro, Coimbra e Almeida. Falleceu n'esta ultima.

Bento dos Santos Ventura—Negociante—Preso na cadeia de Aveiro.

Custodio José Soares—Preso na cadeia de Aveiro.

Fortunato José Soares—Professor de primeiras lettras—Preso na cadeia de Aveiro.

Francisco Caldeira de Albuquerque—Estudante—Preso na cadeia de Aveiro

Francisco Gonçalves Monteiro—Proprietario—Preso na cadeia de Aveiro.

Frederico da Silveira Carvalho—Estudante—Preso na cadeia de Aveiro

Gabriel da Silva Justiça—Sargento de milicias—Preso na cadeia de Aveiro—Representantes seus netos, srs. drs José Tavares Lebre, Abilio Tavares Justiça, Amadeu Tavares da Silva e Antonio Lebre.

Dr. João Gonçalves Monteiro—Juiz de fóra—Preso na cadeia de Aveiro. Representantes: sua filha a sr.^a D. Felicidade Monteiro Milicio.

João José Antunes Guimarães—Mandante das obras da barra—Preso na cadeia de Aveiro.

João Bernardo da Silva—Escrivão em Esgueira—Preso na cadeia de Aveiro.

João Teixeira de Vasconcellos—Escrivão em Esgueira—Preso na cadeia de Aveiro.

Isidoro José da Naia—Taberneiro—Preso na cadeia de Aveiro.

Manuel Antonio Cadima—Porteiro em Esgueira—Preso na cadeia de Aveiro.

Manuel Antonio de Carvalho — Negociante — Preso na cadeia de Aveiro.

Antonio Augusto Coelho de Magalhães — Preso nas cadeias de Aveiro, Lamego e Almeida.

Bento de Moraes Sarmento — Preso na cadeia de Aveiro — Representantes: seus filhos as sr.^{as} D. Maria Maxima de Moraes Machado, D. Joanna do Ceu Moraes e Silva e Jayme de Moraes Sarmento.

Frei Alexandre de S. Thomaz — Dominico — Preso no tronco do seu convento de Nossa Senhora Misericordia d'esta cidade e depois tranferido para outro da mesma ordem, por castigo.

Felippe Luiz Bernardo Junior — Pharmaceutico — Pronunciado pela Alçada e citado por editos. Mais tarde foi preso e conduzido para as cadeias de Almeida, recebendo no caminho os maiores maus tratos que se podem imaginar, da escolta que o custodiava. Ao chegar alli tinha 19 cutiladas e uma bala n'uma perna!! — Representantes: seus sobrinhos, srs. João Bernardo Ribeiro Junior, José Bernardes da Cruz, Manuel Luiz e José Luiz Bernardes.

Homisiados

João dos Santos Resende — Negociante — Foi o primeiro a alistar-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV — Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

Francisco Antonio Verissimo de Moraes Cabral — Negociante — Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV — Pronunciado pela Alçada e citado por editos Representantes: seus netos os srs. drs. Ladislau de Moraes e João Bernardo de Moraes Cabral.

Agostinho José Pinheiro—Negociante e alferes de milicias—Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

José Pereira de Moraes—Caixeiro.

José Antonio Gonçalves Lomba—Caixeiro do Contracto do tabaco—Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV—Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

Manuel Joaquim do Cabo—Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

Dr. Manuel Pereira da Cunha—Medico—Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV—Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

Antonio da Cunha Toscano—Official de sapateiro—Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV—Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

José Rodrigues da Cruz Silva—Pharmaceutico e professor regio em Esgueira—Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV—Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

Thomaz Francisco Estima—Monteiro-mór e juiz dos orphãos em Esgueira—Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV—Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

José Pacheco d'Almeida—Escrevente de cartorio—Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV.

João Antonio Pessôa—Escrevente de cartorio—Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV—Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

Dr. Luiz Cyprianno Coelho de Magalhães—Medico—Representantes: seu neto, o sr. conselheiro Luiz Cypriano Coelho de Magalhães.

Vicente José d'Almeida—Capitão de veteranos.

Dr. Antonio José da Fonseca Mimoso Guerra—

Corregedor de Aveiro, nomeado pela Junta do Porto—Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

Custodio Joaquim d'Oliveira—Negociante—Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV—Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

Francisco José Bernardo de Oliveira—Negociante—Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV—Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

João Lino Barbosa da Fonseca Freire—Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

João Chrisostomo Gravito—Capitão-mór de ordenanças—Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

João José d'Araujo—Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

Dr. João Nepomuceno da Silva—Advogado—Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

Dr. Joaquim Antonio Placido—Advogado—Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

Joaquim Antonio Placido—Caixeiro—Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV—Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

Joaquim de Oliveira Costa—Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV—Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

José Maria Placido—Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

José Magalhães Pereira—Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

José Pacheco d'Almeida—Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

Manuel Antonio Placido—Caixeiro—Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV—Pronunciado pela Alçada e citado por editos.

Manuel Chrisostomo de Mello Alvim—Pintor—

Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV—Pronunciado pela Alçada e citado por editos —Representantes: seu sobrinho, sr. José Antonio Motta.

Antonio Marcelino de Sá—Professor primario —Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV.

Dr. José Ferreira da Costa—Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV.

Custodio José Peireira dos Santos—Caixeiro—Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV.

João José da Corceição—Negociante—Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV.

Manuel Lopes Baptista—Correeiro—Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro VI.

Vicente José de Pina—Alferes de milicias—Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV.

Francisco dos Santos Barreto—Negociante—Alistou-se no batalhão de D. Pedro IV.

João d'Azevedo Junior—Negociante—Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV.

Manuel Antonio Rodrigues—Negociante—Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV.

Agostinho Luiz de Sant'Anna—Amanuense—Alistou-se no batalhão de D. Pedro IV.

José de Oliveira Lopes—Negociante—Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV.

João de M. Pereira—Caixeiro—Alistou-se no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV.

Perseguidos em Aveiro mas despronunciados no Porto pela Alçada

Bispo de Aveiro, D. Manoel Pacheco de Rezende—Não escapou á vindicta das au-

ctoridades miguelistas d'esta cidade o venerando e santo prelado de quem, annos depois, escrevia Castilho referindo-se a essa tão descaroavel como injusta perseguição :

« Bom velho, que ás virtudes christãs reunia as virtudes civicas; que debaixo dos olhos desconfiados de um governo suspeito mandava o pão quotidiano aos que o governo martyrisava nas prisões, sobre cujas cãs sagra das cahiu um pouco de opprobio e de perseguição. » (1)

O seu nome, por que soccorria os liberaes presos e as suas familias na miseria, foi escripto nos registos dos pronunciados pelo tristemente celebre dr. Alexandre Duarte Carrilho Marques, corregedor da comarca, que aqui instaurou a devassa.

Dr. Antonio Pereira Pinto—Professor de philosophia moral e racional

Francisco de Mello Soares de Freitas—Estudante de humanidades—Representantes: sua neta a sr.^a Baroneza de Recosta.

Francisco Henriques da Maia—Negociante.

José Ferreira da Cunha—Escrivão da correição—Representantes: seus sobrinhos a sr.^a D. Fortunata Felicidade Ferreira e o sr. conselheiro José Ferreira da Cunha e Souza.

Joaquim José da Rocha—Proprietario.

José Antonio Barbosa—Negociante.

José Maria dos Santos.

Jeronymo Ribeiro Dias Guimarães—Negociante—Representantes: seus netos, srs, Bazilio Matheus de Lima e irmãs, e a sr.^a D. Maria Adelaide Ribeiro Conceiro.

(1) *Cartas biographicas ao povo*, no « Nacional » de 20 de janeiro de 1835.

Dr. Joaquim Themotheo de Souza da Silveira
—Advogado.

Manoel Antonio de Carvalho.

Manoel José Barbosa—Negociante—Foi julgado como ausente e absolvido por falta de provas, sendo defendido por sua mulher, Maria Luiza d'Aguiar Barbosa.

Combatentes

Foram todos os que emigraram, alguns dos quaes estiveram presos e que poderam fugir das cadeias de Aveiro e Almeida, levantado o cerco do Porto, e grande parte dos homisiados que apóz o desembarque da expedição liberal se puderam acolher dentro dos muros d'esta ultima cidade.

E' de crêr que se hajam perdido os nomes de outros aveirenses que combateram pela liberdade, mas não deve esquecer-se o de *Gabriel de Pinho*, carpinteiro, condecorado com a medalha das campanhas da liberdade, embora se alistasse quasi no fim da lucta, como indicava o algarismo 1, n.º da condecoração que lhe esmaltava o peito, e que corresponde ao anno de 1834.—Representantes: o sr. José de Pinho e suas irmãs.



Pelo pouco que deixo dito fica mais que sufficientemente demonstrado quanta razão tinha José Estevão dizendo na camara electiva, de que foi o mais brilhante ornamento:

«Aquelle districto (Aveiro), que aliás tem titulos consideraveis, a estima de todos os homens livres, porque deu

cabeças para os cadafalsos, peitos para os campos da batalha».

(Sessão da camara dos srs. deputados
de 23 de maio de 1840).

«Aveiro tem no seu cemiterio a aggregação sagrada dos ossos de 6 cabeças que foram espetadas em postes em differentes logares d'esse mesmo districto.»

.....
Os povos do meu districto tem grande amor aos seus braços de liberdade, que são maiores que em todos os outros districtos; porque de dez individuos enforcados no Porto, seis eram do meu districto ou tinham lá servido».

(Sessão da camara dos srs. deputados
de 4 de junho de 1840).

bibRIA

**«Club dos Gallitos»—Monumento levantado
á memoria dos que soffreram e comba-
teram pela Liberdade—Lançamento da
primeira pedra—Inauguração**

Não é pelos annos que conta de vida, nem tão pouco pelo numero dos associados que se deve avaliar o *Club dos Gallitos* em prosperidade e benemerencia. Estes elevam-se a alguns centos e aquella data de 25 de janeiro de 1904.

«Nascido d'um movimento de patriotica reacção, lê-se no «Relatorio da comissão installadora», de um impulso justo de dignidade offendida, o seu nome, que depressa se elevou como altaneira se eleva sobre as cumeadas inacessiveis a aguia arrogante, é já hoje um symbolo de quem desdenha, e a elle está adjudicado o mais apreciavel de todos os monopolios, o da *sympathia publica*».

Esta *sympathia*, radcada por diferentes emprehendimentos patrioticos e altruistas que seria longo indicar aqui, acaba de ser enriquecida com a preciosa dadiva feita agora pelo *Club dos Gallitos* á cidade—o monumento commemorativo dos aveirenses que morreram, soffreram e combateram pela Liberdade.

Foi em sessão da Direcção do Club, de 6 de dezembro de 1909, que se resolveu que este se associasse ás festas commemorativas do 1.º centenario do nascimento de José Estevão erigindo aquelle

monumento, que seria um obelisco de lióz e calcareo levantado no centro da Praça do Commercio. Os trabalhos de construcção começaram em 19 do mesmo mez pela collocação solemne da sua primeira pedra, de que se lavrou este

Auto commemorativo do assentamento da primeira pedra do obelisco erigido pelo «Club dos Gallitos» á memoria dos aveirenses que soffreram pela Liberdade, no exilio, nas prisões, na força, nos combates e revoluções.

No Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil novecentos e nove, e segundo do reinado de Sua Magestade Fidelissima D. Manuel II, aos dezenove dias do mez de dezembro, n'esta cidade e Praça do Commercio, estando presentes o sr. Governador Civil d'este districto, o Presidente da Camara Municipal d'este concelho e seus vereadores, convidados, a Direcção do *Club dos Gallitos* com o presidente e secretarios da Assembleia Geral, socios do mesmo Club e povo, sendo duas horas da tarde, o Governador Civil e Presidente da Camara, acima designados, começaram a cerimonia da collocação da primeira pedra do obelisco mandado erigir no centro da mencionada Praça do Commercio pelo *Club dos Gallitos* á memoria dos aveirenses que soffreram pela Liberdade, no exilio, nas prisões, na força, nos combates e nas revoluções, para ser inaugurado solememente no dia vinte e seis do corrente, data do primeiro centenario do nascimento de José Estevam Coelho de Magalhães, e depois entregue á Camara Municipal d'este concelho, como representante da cidade. Do que se lavrou este auto commemorativo que, depois de lido pelo secretario do *Club dos Gallitos*, vae ser assignado pelas pessoas presentes, para depois, com as moedas do actual monarcha e um exemplar de cada um dos jornaes que á data se publicam em Aveiro, ser encerrado no cofre de ferro que tem de ser collocado no cavouco, por baixo da primeira pedra do monumento.

aa) Joaquim Simões Peixinho, governador civil

substituto; José Ignacio de Mello Pereira de Vasconcellos, commandante da brigada; Gustavo Ferreira Pinto Basto, presidente da Camara; Francisco Augusto da Fonseca Regalla, reitor do lyceu; Jayme de Magalhães Lima, provedor da Santa Casa; João Baptista Pereira Heitor de Macedo, tenente-coronel d'infanteria 24; Alfredo Adelino de Saldanha, major d'infanteria 24; João Baptista de Sant'Anna Leiria, capitão de cavallaria 7; Manuel Pereira da Cruz, delegado de saude; Manuel Ferreira Pinto de Sousa, prior da Vera-Cruz; José Marques de Castilho, director da Escola d'Ensino Normal d'Aveiro; Francisco Augusto da Silva Rocha, director da Escola Industrial; Domingos José dos Santos Leite, da commissão da estatua; Manuel da Rocha, idem; Antonio de Sousa, idem; Anselmo Ferreira, idem; José Francisco Antunes Cabrita, presidente da Academia; Manuel Gonçalves Moreira, inspector dos incendios; Elisiario Dias Moreira, presidente da *Associação dos Bateleiros*; Antonio Fernandes Duarte Silva, presidente do *Club Mario Duarte*; Manuel Lopes da Silva Guimarães, presidente do *Centro Escolar Republicano*; José Maria Soares, vice-presidente da Camara; Domingos Pereira Campos, vereador; Aniano de Pinho Vinagre, idem; João de Moraes Zamith, major da 9.^a brigada d'infanteria; Antonio Lopes Matheus, tenente ajudante d'infanteria 24; Julio Antunes; José de Sá Nogueira, alferes de cavallaria 7; Antonio da Rosa Martins, capitão do D. R. R. 24; Antonio Ferrão tenente de infanteria 24; João Pinto Rachão, prior da Gloria; Armando da Cunha Azevedo, sub-delegado de saude; J. A. Marques Gomes, da *Academia Real das Sciencias*; Joaquim de Mello Freitas; Arnaldo Ribeiro, director do *Democrata*; Antonio Simões Cruz, redactor do *Aveirense*; Antonio Carlos da Silva M. Guimarães, conservador; Antonio A. Duarte Silva, do *Club d'Aveiro*; Abel Augusto d'Oliveira Costa, da direcção dos Bombeiros; Isaías Augusto d'Albuquerque, idem; Viriato Fernando de Sousa, socio fundador do Club; Manuel Marques da Cunha, Jeremias da Conceição Lebre, Domingos Martins Villaça, Joaquim Dias Abrantes, Jayme Duarte Silva, presidente da Associação Commereial, Pompeu da Costa Pereira, presidente do *Club dos Gallitos*; Antonio da Cunha Coelho, thesoureiro; Francisco Freire, director; Roque Fer-

reira, idem; Manuel da Naia Pacheco, idem; Antonio Ferreira Pinto de Sousa, secretario da Assembleia Geral; Francisco Ferreira da Encarnação, secretario da Direcção.

De como se realisou a cerimonia diz este

Auto da cerimonia do assentamento da primeira pedra do obelisco erigido pelo «Club dos Gallitos» á memoria dos aveirenses que soffreram pela Liberdade no exilio, nas prisões, na forca, nos combates e nas revoluções.

«Aos dezanove dias do mez de dezembro de mil novecentos e nove, n'esta cidade de Aveiro e Praça do Commercio, feita a assignatura do auto commemorativo do assentamento da primeira pedra do obelisco mandado erigir pelo «Club dos Gallitos» á memoria dos aveirenses que soffreram pela Liberdade no exilio, nas prisões, na forca, nos combates e nas revoluções; e sendo tres horas da tarde, o presidente da Assembleia Geral do mesmo Club, o encerrou no cofre de ferro com as moedas nacionaes do actual reinante, Sua Magestade Fidelissima Dom Manuel II, e que são: uma de quinhentos reis e outra de duzentos reis, ambas de prata, e um exemplar de cada um dos jornaes que á data se publicam n'esta cidade, a saber: *Aveirense, Beira Mar, Campeão das Provincias, Correio de Aveiro, Democrata, Povo d'Aveiro, Progresso d'Aveiro, Successos, Vitalidade*; e fechando-o com duas chaves, entregou uma ao presidente da Camara Municipal para ser guardada na secretaria da mesma repartição, e a outra ao presidente da Direcção do Club para ficar depositada na secretaria d'esta aggremação; o que feito, o mesmo presidente da Assembleia Geral tomou o cofre e o foi collocar no cavouco sobre que logo fôï assente a primeira pedra da base do monumento; e sendo apresentados pelo presidente da Direcção do Club um coelhe com argamassa e a respectiva trolha, e pelo thesoureiro uma salva com uma colhér e camartello de prata, o presidente da Camara cimentou as juntas da pedra, batendo lhe depois com o camartello em cima o Governador Civil. E dando-se por terminada a cerimonia, o presidente da Camara agradeceu á Direcção do «Club dos Gallitos» a fórma por que o Club ia collaborar

nas festas do primeiro centenario do nascimento de José Estevão Coelho de Magalhães, e se lavrou este auto para ficar archivado na séde do «Club dos Gallitos» e que vae ser assignado pelo presidente e secretario da Assembleia Geral e pela Direcção do mesmo Club.

Jayme Duarte Silva, presidente da Assembleia Geral; Antonio Ferreira Pinto de Sousa, secretario; Pompeu da Costa Pereira, presidente da Direcção; Antonio da Cunha Coelho, thesoureiro; Roque Ferreira Patacão, vogal; Francisco Maria dos Santos Freire, idem; Manuel da Naia Pacheco, idem; Francisco Ferreira da Encarnação, secretario.

Por occasião da passagem do grande cortejo civico com que a cidade glorificou a memoria de José Estevão, no dia 26 de dezembro, 1.º centenario do seu nascimento, pela Praça do Commercio, tendo-se a Camara Municipal approximado do monumento, o sr. dr. Mello Freitas, descendente em primeiro grau de um d'aquelles aveirenses a quem o mesmo é consagrado, correu a bandeira nacional que encobria as inscrições que n'elle ha e que dizem:

Á MEMORIA DOS AVEIRENSES QUE SOFFRERAM PELA LIBERDADE NO EXILIO, NAS PRISÕES, NA FORÇA, NOS COMBATES E NAS REVOLUÇÕES

—
INAUGURADO NO 1.º CENTENARIO DE JOSÉ ESTEVAM

—
26—XII—1809

26—XII—1909
—

LEVANTADO PELO «CLUB DOS GALLITOS»

Uma grande girandola de foguetes annunciou o facto e uma entusiastica salva de palmas saudou a memoria dos heroes e a iniciativa do *Club dos Gallitos*.

Posto de novo a caminho o cortejo, e, quando pouco depois as creanças das escolas defrontavam com o monumento, ouviu-se este hymno cantado por ellas:

VOZ

No desterro a amargura da saudade,
Nas prisões a crueza deshumana
De carcereiros duros, sem piedade.
Cobardes feras com figura humana,
Quantos por ti soffreram, Liberdade!..
Quantos, luctando contra a furia insana
Do despotismo atroz, negras mortalhas
Encontraram na força e nas batalhas!

CORO

Seus nomes em letras d'ouro
Estão gravados na historia,
Em volta corôas de louro
Como aureolas de gloria!

VOZ

Quebrados os grilhões da tyrannia,
Do sol da Liberdade a luz brilhante
Esta nobre nação, em pleno dia,
Guia na senda do Progresso ovante!
Oh! salvé Geração de valentia,
Audaciosa Geração, gigante,
Que, entre perigos e guerras esforçada
Jogaste a vida pela patria amada.

CORO

A bronzea tuba da Fama,
Oh! Geração de valentes,
Oh! heroicos combatentes,
Os vossos nomes proclama!

Uma hora depois realisava-se a entrega solenne do monumento á camara municipal, que havendo desfilado perante a estatua de José Estevam

veio agora novamente ao local para o receber. Foi então lido o

Auto d'entrega á Camara Municipal da Aveiro do obelisco erigido pelo Club dos Gallitos na Praça do Commercio, d'esta cidade, á memoria dos aveirenses que soffreram pela Liberdade no exilio, nas prisões, na forca, nos combates e nas revoluções.

Aos vinte e seis dias do mez de dezembro de mil novecentos e nove, data do primeiro centenario do nascimento de José Estevão Coelho de Magalhães, n'esta cidade de Aveiro e Praça do Commercio, achando-se presente a Camara Municipal, a Direcção do *Club dos Gallitos* e grande concurso de povo, pelo presidente da referida Direcção foi dito que, em nome do *Club dos Gallitos*, que n'aquelle logar fizera erigir, commemorando o primeiro centenario de José Estevão, o obelisco á memoria dos aveirenses que soffreram pela Liberdade no exilio, nas prisões, na forca, nos combates e nas revoluções, do mesmo monumento, em cujas faces se lêem as seguintes inscripções: *A' memoria dos aveirenses que soffreram pela Liberdade—Levantado pelo «Club dos Gallitos»—Primeiro centenario do nascimento de José Estevam—26—XII—1809, 26—XII—1909—* e que solemnemente havia sido inaugurado n'esta data e descerrado pelo doutor Joaquim de Mello Freitas, filho de João de Mello Freitas, voluntario da Rainha e denodado combatente no cerco do Porto, — fazia entrega á Camara Municipal de Aveiro, para que esta, como representante da cidade, sob sua guarda o conserve. Do que se lavrou este auto que, depois de lido pelo Secretario da Direcção do Club, foi assignado pela Camara Municipal de Aveiro, Presidente da Assembleia Geral do *Club dos Gallitos* e Direcção do mesmo Club.

Gustavo Ferreira Pinto Basto, presidente da Camara; José Maria Soares, vice-presidente; José Almeida dos Reis, vereador; Aniano de Pinho Vinagre, idem; Domingos Pereira Campos, idem, Jayme Duarte Silva, presidente da Assembleia Geral do *Club dos Gallitos*; Pompeu da Costa Pereira, presidente da Direcção; Antonio da Cunha Coelho, thesoureiro; Roque Ferreira Patação, vogal; Francisco Maria dos Santos Freire, idem; Manuel da Naia Pacheco, idem; Francisco Ferreira da Encarnação, secretario.

Foi brilhante, como todas as outras d'este dia, esta solemnidade. Sob um sol radiante de primavera, vê-se uma multidão immensa que se descobre e se comprime, sem soltar um queixume, acclamando com enthusiasmo a Liberdade e os seus martyres. Junto do monumento estava a bandeira da cidade, essa mesma bandeira que em 1810 fôra conduzida em triumpho pelas nossas ruas, por que então, nossos avós, como todos os outros portuguezes, viram a aguia imperial «levantar-se das eminencias que bordam o Tejo, e arrastar-se em vãos atordoados e incertos, de serro em serro, atravez das Hespanhas, até se recolher na guarida d'onde sahira, levando apenas nas garras já mal seguras o desengano de imaginados dominios e poderios», como exclamou um dia José Estevam na camara electiva, vingando uma affronta que nos fizera a França, e que n'aquella epocha o obrigara a emigrar pela primeira vez com os labios ainda presos ao seio da ama.

Lido que foi o auto, o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, presidente da Camara, agradeceu em breves palavras a patriotica offerta do *Club dos Gallitos*.

Em seguida tomou a palavra o sr. conde d'Agueda que, n'um bello improviso, diz que na sua qualidade de governador civil do districto e na de representante do governo n'estas festas, onde um dos mais distinctos membros d'elle, com grande pezar seu, não podera vir pessoalmente assistir pelo motivo das grandes calamidades que se haviam desencadeado sobre o paiz, nos ultimos dias, exigirem a sua presença em Lisboa, se associava do coração e como filho d'este mesmo districto á apothese do grande tribuno, que não era só uma gloria de Aveiro, mas do paiz inteiro,

pois o seu nome era um nome europeu; n'uma sequencia rapida mas eloquente innumera os principaes beneficios que esta cidade deve a José Estevão, salientando os melhoramentos da sua barra, por que sempre pugnou, e a passagem por aqui do caminho de ferro, que conseguiu atravez de uma lucta verdadeiramente titanica, regeitando nobilissimamente gananciosas promessas que se lhe fizeram, como se tão diamantino character fosse capaz de trocar o progresso e a prosperidade da sua linda cidade por todo o dinheiro do mundo; referindo-se ao monumento que se acabava de inaugurar, diz que este é o mais eloquente testemunho do amor que os aveirenses desde sempre consagraram á Liberdade, a que uma aggre-miação já prestimosa e agora benemerita—o *Club dos Gallitos*—levanta mais aquelle altão, glorificando assim brilhantemente aquelles que por ella em tempos idos tanto combateram e soffreram; e, termina por levantar vivas calorosos á memoria de José Estevão, á dos martyres da Liberdade, ao *Club dos Gallitos* e á cidade de Aveiro, que são entusiasticamente correspondidos.

Sóbe depois ao macisso de plantas e flores sobre que assenta o monumento, o sr. dr. Mello Freitas e pronuncia esta formosissima allocução :

MEUS SENHORES

A ousada e benemerita associação, que se denomina *Club dos Gallitos*, entre muitos empreendimentos que tem feito com applauso publico, attrahindo numerosos forasteiros a esta cidade, acaba de realisar mais um. Encarregou se de executar um numero na commemoração d'este centenario e ergueu este singelo e modesto monumento, que fica bem n'esta praça, como consagração historica de duas datas notaveis—a Revo-

lução de 16 de maio de 1828 e o dia que marca justamente esse centenario.

Mas por uma gentileza que convem registrar, este obelisco é dedicado a todos os que pela liberdade morreram e soffreram nas prisões, nas batalhas e no exilio.

Devia o ex.^{mo} snr. general José Estevão de Moraes Sarmento—como representante d'uma illustre familia liberal, como filho de Jeronymo de Moraes Sarmento e sobrinho d'um dos martyres suppliciados no Porto—ter descerrado a bandeira que encobria as inscripções d'este obelisco.

Circumstancias estranhas á sua vontade d'aqui o arredaram, e coube me a honra de o substituir n'este encargo, que me enobrece.

Não estou aqui por vaidade. Declinei o convite tanto quanto me foi possivel, mas tive de obedecer aos desejos dos meus patricios e acatar as determinações do acaso, que veio surprehender me.

Perdoar não hão a falta de qualidades para bem desempenhar com brilhantismo esta missão, a trasbordar de responsabilidades.

Entre os festejos do dia este obelisco, devido ao lapis e ao cinzel de Ernesto Korrodi, avulta já pelo seu pensamento generoso, já porque se ergue n'este local, onde a 16 de maio de 1828 um nucleo de cidadãos, unindo-se ás forças de caçadores 10, de guarnição n'esta cidade, soltaram o grito da revolta e iniciaram esse grande movimento, que dotou o paiz com as instituições constitucionaes!

Nem o exilio, nem o ergastulo, nem a forca, nem os combates, a miseria e as desgraças, detiveram esse punhado de bravos patriotas, que se propunham fundar uma patria nova, impregnada de luz, de progresso e de amor!

O Sol quiz associar-se aos nossos festejos. Vêde como campêa no espaço irradiando esta alegria que nos inunda. Quem nos diria que, apóz os desastres, as desgraças e o temporal das ultimas semanas, a atmosphera adquiriria esta transparencia e o azul formaria sobre nós esta abobada risonha e triumphal?!

Goethe ao despedir-se d'uma vida coroada de louros, honrarias e admiração pedia luz, luz, mais luz.

Um professor da Escola Medica de Lisboa, dr.

Abel Jordão, pedia em testamento que o alumno n.º 1 do seu curso lhe fosse cortar as carotidas quando o julgassem morto, e na ancia de ultimo instante suspirou que lhe abrissem a janella, porque queria despedir-se do sol.

Povos inteiros adoraram o sol, e este culto explica-se ainda hoje no pantheismo, que subjuga os mais altos espiritos.

Se o amor não é o fim de homem na terra, eu não sei explicar a que fomos chamados.

Amemos com profusão, sem medida, no tempo e no espaço enquanto tivermos alento e sopro de vida.

Este obelisco consagra a memoria de muitos avei-
renses, que soffreram, e todo o soffrimento inspira piedade.

A 16 de maio de 1828 Aveiro soltou o grito da revolta contra o absolutismo e n'aquelle mesmo dia de 15 de maio de 1828 insurgiu-se o Porto; mas se attendermos a que não havia noticias immediatas, porque era grande a distancia, calcule-se agora a coragem e o civismo dos avei-
renses que, n'este mesmo logar, escravos d'um compromisso anterior, se sacrificavam sem trepidar, lançando-se no vortice temeroso d'uma insurreição contra a vontade absoluta d'um rei e contra a ignorancia armada, que d'um extremo ao outro do paiz accorria, pugnando encarniçadamente em defeza do throno e do altar.

Porém a Liberdade veio. Estava na ordem mysteriosa da fatalidade, e assim como Victor Manuel e Cavour affirmavam que, a despeito de tudo, *a Italia se faria por si*, assim tambem a nova era despontou, elevando a burguezia e determinando-lhe o seu ambito de prosperidade.

Os encyclopedistas tinham cavado os alicerces da sociedade, a revolução franceza avançando como uma avalanche formidavel, derribara n'uma sessão memoravel os privilegios. Portugal embebeu-se d'aquella doutrina, que trazia ao banquete da vida a democracia, isto é a burguezia e de traz d'ella o proletariado.

O que temos presenciado, porém?

Temos visto a burguezia robustecer-se n'uma oligarchia, substituir-se ás classes vencidas engrandecer-lhe na abastança, olhar com sobranceira as inferiores,

e povoando as suas bastilhas de fortuna, negar o accesso ás legitimas reclamações do povo, que soffre e trabalha infatigavelmente, cimentando, alicerçando, erigindo a fortuna dos outros.

Hoje a piedade dos philosophos e a organização systematica dos proletarios, talha ainda uma urgente remodelação da sociedade, porque a burguezia attribuiu-se meritos especiaes, enriqueceu-se e substituiu-se ou acamaradou-se com as altas classes privilegiadas.

Este obelisco apruma-se e sobe na atmospherá morna d'este instante. Lembra remotamente os postes de toscos pinheiros onde o governo de D. Miguel fez cravar as cabeças dos aveirenses, martyres da liberdade, para com essa sinistra visão, que affrontava as janellas das familias liberaes, semear o horror, o medo e a covardia.

E' um triste condão da humanidade — prova-o indefectivamente a historia! — que nenhuma grande ideia avassale os povos e demova os tyrannos, os governos, a pretensa *ordem* — sem primeiro se inundar de sangue a generosa terra que nos produziu.

A 12 de agosto de 1889 inaugurou-se em Aveiro a estatua de José Estevão. Passados vinte annos celebra-se com enthusiasmo, hoje, o seu centenario, e confia-se a este marmore a missão sympathica de dizer ás gerações futuras que Aveiro guarda e apregoa o culto do mais illustre dos seus filhos, o grande cidadão, grande tribuno e grande patriota José Estevão.

Explicar-vos-hei summariamente o motivo da representação que me foi dada n'esta cerimonia solemne.

Meu tio Clemente da Silva Mello Soares de Freitas era juiz de fóra na comarca da Villa da Feira, e quando os liberaes acossados, depois do combate da Cruz de Moroços, demandavam o Douro, foi elle que, por commiseração, lhes facilitou a passagem no sitio de Carvoeiro.

Na impossibilidade de prenderem meu pae, que se alistara como voluntario liberal e que emigrara para Inglaterra, as justiças de D. Miguel arrastaram ao cadafalso aquelle magistrado e na Praça Nova, defronte do convento dos Loios, com a assistencia dos frades obesos e anafados, os carrascos dependuraram n'ò na forca.

Tenho em meu poder dois requerimentos autographos, que pertenceram a esta victima da intolerancia, da insensatez e da tyrannia.

N'um pede á Alçada que lhe permitta ter advogado especial, que possa estudar o seu processo e attender bem ás circumstancias, que envolveram o requerente.

N'outro pede que o não requeiem ás justicas da Feira, porque n'ellas não confia.

Entregarei esses autographos á Associação que erigiu este monumento, e estou certo que os guardará como lembrança d'este dia e preto do meu reconhecimento pela honra que me conferiram.

Aveirenses! Só a instrucção pôde deter a furia das paixões e permittir que a civilisação caminhe successivamente e sem abalos sangrentos, radicando as conquistas, aplanando os obstaculos e preparando um futuro melhor, em que todas as classes caibam no banquete da vida.

Fomentae a instrucção, porque só ella pôde deruinar as fronteiras que separam os povos e os precipitam uns contra os outros, á mercê do capricho e da especulação. Urge que a escola se erga em todas as collinas e em todos os recessos como se erguem hoje os campanarios.



BIBLIOGRAPHIA

«Documentos para a historia das côrtes geraes da nação portugueza»—Tomo IV.

«Collecção de listas que contêm os nomes das pessoas que ficaram pronunciadas e summarios a que mandou proceder o governo usurpador depois da heroica contra revolução que rebenhou na mui nobre cidade do Porto em 16 de maio de 1828, nas quaes se faz menção do destino que a Alçada, creada pelo mesmo governo para as julgar, deu a cada uma d'ellas».—Porto—Off. da Viuva Alvares Ribeiro & Filho—1833.

«O Correio do Porto»—1828, 1829 e 1830.

«Aveiro berço da liberdade»—O coronel Jeronymo de Moraes Saimento», por Marques Gomes.—Porto—1889.

«Relação nominal alphabetica dos presos politicos das cadeias de Aveiro em setembro de 1831», escripta por Manuel Coelho de Magalhães, da extincta villa d'Eixo, irmão do doutor Luiz Cypriano Coelho de Magalhães e tio do sempre chorado José Estevão. (Nos n.ºs 663 e 664 do «Districto de Aveiro» de 18 e 21 de junho de 1867).

26—XII—909

1.º CENTENARIO DO NASCIMENTO

DE

JOSÉ ESTEVÃO

MARQUES GOMES



UNIVERSIDADE DE AVEIRO
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

Aveirenses que morreram,
sofreram e combateram pela Liberdade

bibRIA

Monumento levantado á sua memoria

PELO

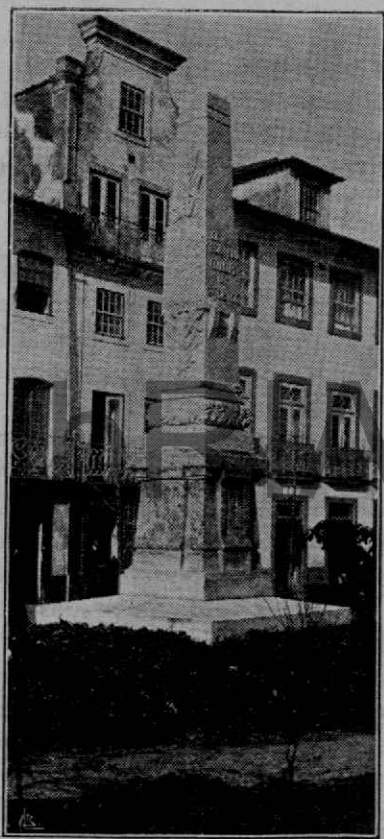
CLUB DOS GALLITOS



AVEIRO

Off. Typ. de «Campeão das Provincias»

1909



Monumento levantado á memoria dos aveirenses que morreram,
soffreram e combateram pela Liberdade